

**MONIZES E GUSMÕES DA CAPITANIA DE SÃO VICENTE**

*Marcelo Meira Amaral Bogaciovas*

**Resumo:** Pesquisa das primeiras gerações das famílias Moniz e Gusmão, aparentadas ou não, da Capitania de São Vicente. Há a transcrição de um brasão de armas concedido no ano de 1589 ao português João de Carvalho Moniz, cavaleiro fidalgo da Casa Real. Há, ainda, a desconhecida identidade do grande jesuíta Alexandre de Gusmão, que legou seu apelido aos irmãos Alexandre de Gusmão e Bartolomeu Lourenço de Gusmão, santistas que foram personagens exponenciais da história de Portugal.

**Abstract:** Investigation in Capitania de São Vicente about the first Moniz and Gusmão families, whether kin or not. There is a transcription of a coat of arms that was awarded in 1589 to the Portuguese João de Carvalho Moniz, a noble Knight of the Royal House. There is, also, the unknown identity of the great Jesuit Alexandre de Gusmão, who bequeathed his family name to brothers Alexandre de Gusmão and Bartolomeu Lourenço de Gusmão from Santos, who were exponential personalities of Portugal's history.

Silva Leme dedicou um título à família Moniz de Gusmão, em sua “Genealogia Paulistana”, dando por tronco a Pedro de Sousa Moniz.<sup>1</sup> Embora não cite sua filiação, o faz descendente de Garcia de Gusmão Moniz, cavaleiro fidalgo da Casa Real, dos Monizes do Algarve<sup>2</sup>. Fez, também, menção a um brasão de armas concedido em 1669 ao Licenciado Pedro da Silva Corrêa, morador na vila de São Vicente. O autor informou ainda que tinha em seu poder o processo que gerou a mercê, e que a família tinha direito a dois brasões, o dos Monizes e o dos Gusmões<sup>3</sup>, citando o ano da primeira concessão: 1589. Entretanto, Silva Leme não transcreveu o referido processo, que hoje julgo desaparecido, uma vez que o Cartório de São Vicente sofreu enormes perdas ao longo de séculos.

---

<sup>1</sup> SL, V, pp. 377-378; IX. pp. 58-64.

<sup>2</sup> Não constou serem do Algarve, mas sim de Lisboa.

<sup>3</sup> Houve equívoco de Silva Leme: concedeu-se apenas brasão dos Monizes.

Para nossa sorte, o processo foi trasladado em duas ocasiões distintas, cada qual com falhas por má conservação dos papéis, mas que juntos, interpolando um ao outro, permitem uma leitura completa. O mais antigo é o instrumento de habilitação do Padre Pedro de Sousa Moniz, que correu no ano de 1678 no cartório do Juízo Eclesiástico de São Paulo.<sup>4</sup> O outro é uma justificação depositada no Arquivo do Estado de São Paulo, a pedido dos irmãos Monizes no ano de 1764, da qual se trata a seguir.<sup>5</sup>

Os irmãos eram D. Josefa Teresa da Cunha Calaça Moniz de Gusmão, D. Inácia Luiza da Cunha Calaça Moniz de Gusmão, o Reverendo Dr. André Álvares da Cunha Calaça Moniz de Gusmão e João da Cunha Vieira Calaça Moniz de Gusmão, todos naturais e assistentes na vila e praça de Santos. Eles requereram certidão de um brasão de armas que lhes competia. O traslado se fez em 14 de agosto de 1764 na vila de São Vicente, servindo de escrivão Cláudio Caetano da Fonseca. Este se serviu de um livro de notas da câmara da mesma vila, de 1734 a 1738, folhas 6 a 15.

Os citados irmãos eram filhos legítimos de Manuel Álvares da Cunha e de sua mulher D. Maria Gonçalves Calaça Moniz de Gusmão. Sem citar os nomes dos avós, alegaram ser bisnetos, por via materna, de Luís Álvares Moniz de Gusmão e Carvalho, fidalgo da Casa de Sua Magestade e de sua mulher D. Ana Vieira, ao qual Luís pertencia o brasão que se tirou do livro da nobreza da cidade de Lisboa. Essa certidão se achava registrada no Cartório de São Vicente.

Neste ponto, tive a ajuda do infatigável pesquisador Rodnei Brunete da Cruz. Este especialista do litoral paulista, quando consultado sobre quem seria o Luís Álvares Moniz de Gusmão e Carvalho, recorreu a uma carta de brasão de armas concedido em 1741 a Antônio José Ferreira da Cunha Moniz, morador em Minas Gerais, sobrinho dos irmãos acima citados. Naquela carta, publicada<sup>6</sup> pelo Cônego Trindade, o agraciado, Antônio José, mostrou ser filho legítimo de José Ferreira Pinto, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e de sua mulher D. Maria Álvares da Cunha Moniz e Calaça, neto materno do casal Manuel Álvares da Cunha e D. Maria Gonçalves Calaça<sup>7</sup> Moniz de Gusmão, bisneto de Pedro Rodrigues Sanches, coronel da cidade de São Paulo e governador da Praça de Santos<sup>8</sup> e de sua mulher D. Catarina Gonçalves Calaça Moniz de Gusmão, natural da

---

<sup>4</sup> Processo nº 1-1-22, *de genere et moribus*, do Padre Pedro de Sousa Moniz, no ACMSP.

<sup>5</sup> Autos Cíveis, nº de ordem 3.377, maço nº 2.617, na DAESP.

<sup>6</sup> TRINDADE, Cônego Raymundo. *Velhos Troncos Mineiros*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1955, 3 v. Volume III, pp. 130-133.

<sup>7</sup> Do livro de Trindade constou *Colaço*, quando o correto é *Calaça*.

<sup>8</sup> Foi capitão mor da Capitania de São Vicente em 1696.

vila de São Vicente, trineto de João Gonçalves Calaça, ouvidor geral e capitão mor da vila de São Vicente e de sua mulher D. Maria Álvares Pedrosa Moniz de Gusmão, tetraneto de Luís Álvares Moniz de Gusmão e Carvalho, fidalgo da Casa de Sua Magestade, pentaneto de Garcia de Gusmão Moniz, fidalgo da Casa de Sua Magestade, natural e morador no Rio de Janeiro, o qual era filho legítimo de Antônio Vaz Moniz de Gusmão, cavaleiro fidalgo da Casa d'El-Rei que por mandado de Sua Magestade o Senhor D. Sebastião passou ao Brasil para fundar a povoação do Rio de Janeiro (sic) no ano de mil quinhentos e oitenta; e o dito Antônio Vaz Moniz de Gusmão, sexto avô do justificante, é filho legítimo de Garcia de Gusmão Moniz, cavaleiro fidalgo da Casa d'El-Rei e de sua mulher D. Guiomar de Carvalho, naturais e assistentes em Lisboa, o qual Garcia de Gusmão Moniz é filho legítimo de João Moniz de Sousa, aio do Príncipe D. João, filho d'El-Rei o Senhor D. João o terceiro. Foram concedidas as armas dos Ferreiras, Calaças, Monizes e Pintos.

Entre uma carta e outra há contradição. Luís Álvares Moniz de Gusmão e Carvalho é citado como avô de D. Maria Gonçalves Calaça Moniz de Gusmão (mulher de Manuel Álvares da Cunha) na alegação dos irmãos, enquanto que é citado como bisavô na carta concedida a Antônio José Ferreira da Cunha Moniz.

Uma carta de brasão de armas, em minha opinião, não pode ser considerada prova cabal da ascendência do justificante. Em muitas delas se verificam equívocos ou mesmo falsificações com o propósito de enobrecer a família. O que não parece ser este o caso, apesar do visível acréscimo de apelidos aos seus antepassados. A filiação de D. Maria Álvares Pedrosa Moniz de Gusmão, nomeada apenas Maria Álvares Pedroso, mulher de João Gonçalves Calaça, é contraditada no processo de habilitação de seu filho José Vieira Calaça, vista no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro e já publicada pelo amigo Dr. Castro Coelho.<sup>9</sup> Entre as declarações existentes na carta de brasão e o processo *de genere* fico com o último, não apenas por ser mais antigo, mas principalmente por ter corrido no Juízo Eclesiástico, mais rigoroso que o Cartório de Nobreza.

Do instrumento *de genere* de José Vieira Calaça, iniciado em 1653, constou que o habilitando foi batizado em 27 de junho de 1644 na vila de São Vicente, e que era filho do Capitão João Gonçalves Calaça e de Maria Álvares Pedroso, natural da vila de São Vicente, onde foram moradores; neto paterno de Manuel Vieira e de Maria ....., naturais da cidade de Lisboa, do bairro do Salvador; neto materno de Luís Álvares Pedroso e de Ana Vieira.<sup>10</sup> O patrimônio de

---

<sup>9</sup> COELHO, H.V. Castro. *Povoadores de S. Paulo- Título Afonsos (adendas às primeiras gerações)*. In *Revista da ASBRAP* nº 8, p. 183.

<sup>10</sup> Segundo uma testemunha, o lisboeta Antônio de Sousa, de 76 anos de idade, ouvido em 23 de outubro de 1653, que conhecera aos pais dos avós maternos de José Vieira Calaça. Eram pais de Luís Álvares Pedroso: João Álvares, o velho e

José Vieira Calaça foi outorgado em 4 de julho de 1667 na vila de São Vicente, em pousadas do ouvidor da Capitania João Gonçalves Calaça, por ele próprio e sua mulher.

Não é possível, a meu ver, entender como corria o sangue Moniz de Gusmão naqueles irmãos. Não há dúvida que eram realmente da família, mas nomearam erroneamente sua ascendência. Desta forma, o citado Luís Álvares Moniz de Gusmão e Carvalho, fidalgo da Casa de Sua Magestade, se é que existiu, não encontrou lugar seguro neste trabalho.

Do processo dos irmãos Monizes de Gusmão constou que Manuel Moniz de Gusmão, morador na vila de São Vicente, queria fazer um alvará de abonação de seus ascendentes que se achava em seu poder. Pelos papéis estarem bastante danificados e já ilegíveis, deu-se parecer favorável em 21 de janeiro de 1734 na vila de São Vicente.

Das certidões acostadas ao processo há várias provanças. Em uma delas há a alegação do Capitão Antônio Moniz de Gusmão. Este, em 24 de abril de 1679, da vila de São Vicente, onde era morador, disse que lhe era necessário, para bem de sua justificação, traslado do brasão de armas que pertencia a ele suplicante por via direita e masculina, de seus avós e mais ascendentes seus, bem como o traslado do alvará passado a seu trisavô (sic) Garcia de Gusmão Moniz.

O documento aludido era uma petição feita em 14 de novembro de 1613 na “muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa”, em pousadas do Licenciado Luís Martins de Siqueira, cidadão e juiz do Cível na dita cidade, por Garcia de Gusmão Moniz. Este, morador na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, partes do Brasil, dizia que lhe pertencia um brasão de armas por linha direita de seu bisavô João Moniz.

Segue a carta do brasão de armas, dada em 22 de novembro de 1589:

*Portugal principal Rei de Armas do mui alto, e poderoso Rei Dom Filipe nosso Senhor destes Reinos de Portugal, e cavaleiro professo da Ordem de Santiago. Faço saber a quantos esta minha Carta de Brasão de Armas de nobreza digna de fé e crença virem, que João Carvalho Moniz cavaleiro Fidalgo da casa do dito Senhor, e morador nesta cidade de Lisboa, me pediu, e requereu, que porquanto ele descendia por linha direita legítima masculina, e sem bastardia por parte de seu pai Garcia de Gusmão Moniz e de seu avô João Moniz e de seu bisavô da geração e linhagem dos Monizes que nestes Reinos são fidalgos de cota d'armas, como constava do instrumento autenticado em forma devida por autoridade da Justiça que apresentava que lhe desse um escudo com as armas que à dita linhagem pertence, e a ele de direito pertencerem, devia usar e trazê-las, e gozar das honras e liberdades que por bem da nobreza delas gozaram seus an-*

---

Margarida Fernandes. Eram pais de Ana Vieira: Antônio Afonso e Joana Vieira, todas pessoas nobres.

*tepassados. Pelo que provendo a seu requerimento por virtude do que constava do dito instrumento com o poder, e autoridade do meu ofício que para isso tenho, busquei os Livros da nobreza e fidalguia do Reino que em meu poder estão, e acho neles as armas que à dita Linhagem pertencem serem estas, que em esta lhe dou, iluminadas a saber: o campo azul, e cinza, estrelas de ouro de sete pontas cada uma postas em aspa e elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife de ouro, e aquele por timbre um Leão pardo de azul armado de ouro posto em sua ordem com uma estrela das armas posto sobre a testa, e por diferença um cardo de Prata florido de vermelho que com elas pois lhe pertencem pela dita maneira segundo Regimento da armaria deve trazer; e por assim dever delas usar requeiro às justiças de parte do dito Senhor, e por bem do ofício da nobreza guardem ao Suplicante João Carvalho Moniz as honras, e liberdades e mais preeminências concedidas as ditas armas, e lhas deixem trazer, e possuir e delas usar nos atos em que a nobreza delas lhe dão lugar, e por verdade lho passei esta Certidão de Brasão na dita cidade de Lisboa por mim assinada aos vinte e dous dias do mês de Novembro= Diogo de São Romão a fez ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos, e oitenta, e nove= Portugal principal Rei de Armas.*

Outro traslado feito foi uma certidão passada por Rui de Sousa de Carvalho, capitão e governador, na vila de Mazagão, em África, escrito pelo escrivão Luís Gomes, em 23 de maio de 1572, como segue:

*Rui de Sousa de Carvalho capitão e governador nesta vila de Mazagão por el Rei Nosso Senhor, etc. Faço saber aos que este meu alvará virem.... como eu fiz e armei cavaleiro Garcia de Gusmão Moniz morador na cidade de Lisboa, por ser pessoa que mui bem o merecia a ordem de cavalaria por se achar comigo em todas as pelejas, e brigas, vitórias que dos mouros neste cerco teve, que o xarife pôs a esta dita vila, onde se lhe fez depois que nela está como de sua pessoa se esperava, e portanto lhe mandei passar este que vai por mim assinado e com o selo de minhas armas seladas Lucas Gomes escrivão dante mim o fez em Mazagão a vinte e três de maio de mil e quinhentos setenta e dous// Rui de Sousa de Carvalho.*

Constou ainda, do Livro de Moradias do Rei D. João, em 1534, que Garcia de Gusmão Moniz, filho de João Moniz de Sousa, com \$700 (setecentos réis) de moradia por mês e um alqueire de cevada por dia. O tabelião público Antônio Pestana foi quem trasladou a informação acima, diante dos Juizes do Cível da cidade de Lisboa, em 1º de dezembro de 1582.

Há outro traslado, com depoimento de testemunhas, da certidão de Frutuoso Barbosa, capitão e governador da Capitania da Paraíba, em 14 de novembro de 1613, na cidade de Lisboa, em pousadas do Licenciado Luís Martins de Siqueira, cidadão e Juiz do Cível da dita cidade. Perante ele apareceu Garcia de

Gusmão Moniz, o qual apresentou a seguinte petição, encaminhada ao Rei de Portugal:

Dizia João Carvalho, moço da Câmara Real, que Sua Magestade lhe fizera mercê dos officios que foram de Roque Mendes Caldeira, a saber, de escrivão da Receita e despesa do Tesoureiro Mor da Redenção dos Cativos, e de Escrivão dos Contos da dita Redenção.

Foram ouvidas testemunhas, em 4 de fevereiro de 1580, na vila de Almeirim, em pousadas do Senhor Dr. Antônio Toscano, juiz das Ordens e Deputado na Mesa da Consciência. Os depoimentos mostraram que João Carvalho era filho de Garcia de Gusmão Moniz, homem honrado, cavaleiro, que se tratava à lei da Nobreza, que esteve em Arzila, era cristão-velho, sem nenhuma raça de judeu ou mouro. E que o dito Garcia de Gusmão Moniz era irmão de João Moniz, homem honrado, bom cavaleiro português, que tinha o hábito de Cristo. A mãe do suplicante João Carvalho era Guiomar Carvalho, mulher honrada.

Há mais outra certidão, passada pelo Capitão Frutuoso Barbosa, aos filhos do dito Antônio Vaz de Gusmão, assinada de Olinda, capitania de Pernambuco, em 19 de agosto de 1585, por Veríssimo de Sande:

*Frutuoso Barbosa fidalgo da Casa d'El-Rei Nosso Senhor, capitão e governador da capitania da Paraíba por o dito senhor, etc. Certifico que Antônio Vaz de Gusmão moço da câmara do dito senhor veio em minha companhia no ano de mil e quinhentos e oitenta por mandado e provisão a fazer a povoação do dito rio, e veio provido de tesoureiro dos defuntos servindo o dito cargo e o serviu muito bem, em toda a ..... O tempo ..... nos quais sempre o achei comigo ..... das cousas a serviço de Sua Magestade por passar na verdade e me ser pedida a presente por parte dos filhos do dito Antônio Vaz de Gusmão lha mandei dar por mim assinada, e selada com o selo de minhas armas, em Olinda da capitania de Pernambuco a dezenove de agosto. Veríssimo de Sande a fez de mil e quinhentos e oitenta e cinco anos. Frutuoso Barbosa.*

Mais uma certidão foi passada, agora em 20 de novembro de 1613, na cidade de Lisboa, por solicitação de Garcia de Gusmão Moniz. Naquela data ele e seus irmãos Pedro de Sousa e Grácia Machado Moniz, moradores no Rio de Janeiro, partes do Brasil, pediam que fossem trasladados um brasão, certidão e um instrumento, como eles suplicantes e seus irmãos eram filhos legítimos de Antônio Vaz de Gusmão, irmão legítimo do mesmo João Carvalho Moniz (do qual houve transcrição de sua qualidade).<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Testemunhas ouvidas na mesma data, por Antônio Pestana, sendo escrivão Manuel Caldeira: João de Vitória Pacheco, cavaleiro Fidalgo da Casa de Sua Magestade, morador na rua do Saco, de 47 anos de idade. Era primo co-irmão do suplican-

### GENEALOGIA DOS MONIZES E GUSMÕES

#### § 1º

- I- JOÃO MONIZ DE SOUSA, nascido por volta de 1485. Conistou como Adail (chefe militar) de Arzila em tempo de Antônio da Silveira, nomeado em 1º de maio de 1525, ano em que foi armado cavaleiro.<sup>12</sup> Foi pai de:
- 1 (II)- JOÃO MONIZ, cavaleiro da Ordem de Cristo, bom cavaleiro.
  - 2 (II)- HENRIQUE MONIZ (na dúvida), que segue no § 4º.
  - 3 (II)- GARCIA DE GUSMÃO MONIZ, que segue.
- II- GARCIA DE GUSMÃO MONIZ, nascido por volta de 1515. Foi morador na cidade de Lisboa. Consta dos livros das moradias do Rei D. João III, no ano de 1534, com 700 réis de moradia por mês e um alqueire de cevada por dia. Esteve em Arzila, tendo sido nomeado cavaleiro em 23 de maio de 1572. Combateu os mouros, conforme certidão passada por Rui de Sousa Carvalho, capitão e governador na vila de Mazagão. Casou-se, por volta de 1543, com GUIOMAR CARVALHO, de quem houve:
- 1 (III)- ANTÔNIO VAZ DE GUSMÃO, que segue.
  - 2 (III)- JOÃO CARVALHO MONIZ, nascido cerca de 1563, cavaleiro fidalgo da Casa Real. Recebeu carta de brasão de armas dos Monizes em 22 de novembro de 1589 (transcrita acima). Moço da Câmara Real. Foi escrivão da receita e despesa do Tesoureiro Mor da Redenção dos Cativos, e escrivão dos Contos da dita Redenção.
- III- ANTÔNIO VAZ DE GUSMÃO, moço da Câmara Real, nascido por volta de 1545. Foi, em 1580 para a Capitania da Paraíba, em companhia do Capitão Frutuoso Barbosa, governador da citada capitania. Desta capitania foi provido tesoureiro dos defuntos. Já era falecido em 1585. Casou-se, cerca de 1568, com MARIA DE SOUSA (seu nome consta da declaração de seu filho Garcia de Gusmão Moniz, adiante). Foram pais de:
- 1 (IV)- GARCIA DE GUSMÃO MONIZ, que segue.
  - 2 (IV)- PEDRO DE SOUSA MONIZ, que segue no § 2º.
  - 3 (IV)- GRÁCIA (MACHADO) MONIZ. Foi a terceira mulher de JOÃO GONÇALVES DE AZEVEDO<sup>13</sup>, falecido<sup>14</sup> no Rio de Janeiro em 25

---

te; Gaspar de Sousa, cidadão na cidade do Porto, de 70 anos de idade. Os suplicantes eram primos de sua mulher; João Carvalho Moniz, cavaleiro Fidalgo da Casa d'El-Rei Nosso Senhor, de 50 anos de idade. Era tio dos suplicantes, e irmão inteiro de Antônio Vaz de Gusmão.

<sup>12</sup> RODRIGUES, Bernardo. *Anais de Arzila*, tomo I, p. 498; tomo II, pp. 9, 20, 37. Apud *Boletim*.

de abril de 1646. Com geração. João Gonçalves de Azevedo e sua mulher Grácia Moniz fizeram um distrato<sup>15</sup>, em 1633, com Adrião de Lemos, de um lanço de casas. Complementando esta informação, Carlos Eduardo de Almeida Barata, que leu no original, o dito João Gonçalves nasceu por volta de 1577 em São João da D..., termo da Vila de Ponte de Lima, Portugal. Constam, em 1633, de uma escritura de distrato (casas na rua de Manuel Ribeiro) que fez com Adrião de Lemos.<sup>16</sup> Testemunhas: Escolástica da Costa. Era filho de Afonso Gonçalves de Azevedo, natural de São João da Ribeira, termo da vila de Ponte de Lima.

- IV- GARCIA DE GUSMÃO MONIZ, nasceu cerca de 1570 em Torres Vedras, distrito de Lisboa, Portugal. Em 1613, já morador na cidade do Rio de Janeiro, solicitou brasão de armas que lhe pertencia em linha direita masculina por seu avô Garcia de Gusmão Moniz e a seu bisavô João Moniz.

Foi testemunha do processo de beatificação do Padre José de Anchieta, tendo prestado depoimento em 21 de julho de 1627 na cidade do Rio de Janeiro.<sup>17</sup> Declarou ser cidadão da mesma e natural de Torres Vedras, com cerca de 57 anos de idade, filho de Antônio Vaz de Gusmão e de Maria de Sousa. Conheceu ao Padre Anchieta, tratou e falou com ele muitas vezes na Capitania de São Vicente e nesta cidade de 37 anos a esta parte. Contou um caso em que, indo Anchieta da vila de Santos para a de São Vicente, no caminho, por ser noite, se agasalhou no Engenho dos Erasmos e que, fazendo queixa o feitor do dito engenho que então se chamava Antônio Afonso, muito grande amigo dele padre, que se vinha chegando à festa de São Jorge, que era a invocação do engenho, e não vinha navio que todos os anos costumava vir, e não havia vinho para esta festa, a qual seria daí 3 ou 4 dias. Anchieta transmitiu confiança e um navio com o vinho chegou na véspera ou antes!

<sup>13</sup> PFRJ, II, p. 307.

<sup>14</sup> Óbitos da igreja da Sé nº 3º, fls. 42-v, no ACMRJ.

<sup>15</sup> Códice 42-3-55, de Procurações e Escrituras, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (F.I. nº 71, fls. 134-v). Cópia do original, que segue adiante.

<sup>16</sup> Cartório do 1.º Ofício, do Tabelião Antonio de Andrade (1633/ Livro Corrente, fls. 134v/ Cx. 2/ M.16), no Arquivo Nacional [do Rio de Janeiro].

<sup>17</sup> VIOTTI, Hélio Abranches. *Qualificação e depoimento das testemunhas nos processos anchietanos mais antigos*. In *Revista da ASBRAP* nº 3, p. 49.

Garcia de Gusmão Moniz, por si e como procurador de seu neto Sebastião, filho de Gonçalo de Sousa, passou procuração<sup>18</sup>, no ano de 1635, ao Licenciado Gonçalo Homem de Almeida, Diogo da Costa e outros.

Garcia de Gusmão Moniz faleceu em 23 de dezembro de 1657 no Rio de Janeiro.<sup>19</sup> Em seu óbito ficaram registradas algumas vontades exaradas em seu testamento, como a de que fossem seus testamenteiros sua mulher Maria Tinoco e Roque de Aguiar.<sup>20</sup> Determinou que seu corpo fosse sepultado na igreja de Santo Antônio, na sua sepultura, que tem com sua campa, amortalhado no hábito da mesma religião. Era irmão da Misericórdia do Rio de Janeiro. Declarou mais, que não tinha filhos nem herdeiro forçado algum. Deixava o remanescente de sua terça a Roque de Aguiar, bem como que o que couber de sua carta de ametade ficasse na mão do dito Roque de Aguiar para que se acaso viesse algum herdeiro, se achasse a herança na mão do dito Roque de Aguiar (o qual era casado com Esperança Gonçalves).

Casou-se com MARIA TINOCO<sup>21</sup>, falecida<sup>22</sup> em 27 de julho de 1662 no Rio de Janeiro. Ela fez testamento, do qual foram apontadas algumas disposições suas. Pediu que fossem seus testamenteiros curadores ao sobrinho Francisco da Costa e ao seu compadre Francisco Alves, em ausência de seu neto Sebastião de Sousa, morador na Bahia, o qual deixou por seu herdeiro forçado.<sup>23</sup> Declarou que seu corpo fosse amortalhado no hábito de Nossa Senhora do Carmo e enterrado na mesma igreja. Deixava a sua terça para sua filha Joana de Sousa, como também uma cama com toda a roupa branca que se achassem de suas portas adentro. Deu esmolas para sua neta Maria de Sousa. Sem mais notícias.

Há, no sumário do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, uma escritura<sup>24</sup> de dote, no ano de 1633, conferida por Garcia de Gusmão a

---

<sup>18</sup> Códice 42-3-55, de Procurações e Escrituras, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (F.I. nº 81, fls. 35-v).

<sup>19</sup> Livro nº 4 de óbitos da Sé do Rio de Janeiro, fls. 21. Apud PFRJ, II, p. 346. Leu-se o óbito no original.

<sup>20</sup> Não há notícias da existência de inventários e de testamentos deste período na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> Há membros desse apelido no Rio de Janeiro e na vila de São Vicente.

<sup>22</sup> Livro nº 4 de óbitos da Sé do Rio de Janeiro, fls. 44-v. Apud PFRJ, II, p. 346. Leu-se o óbito no original.

<sup>23</sup> Presume-se, então, que os herdeiros de Maria Tinoco fossem de algum possível casamento anterior dela.

<sup>24</sup> Códice 42-3-55, de Procurações e Escrituras, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (F.I. nº 71, fls. 131-v).

Bartolomeu Veloso, no valor de 84\$000. Em função dessa documentação não estar disponível no Arquivo Nacional, onde repousam seus originais, fica aqui apenas o registro. Foi fiador de Bartolomeu: João Gonçalves de Azevedo (seu tio por afinidade). Sem mais notícias.

§ 2º

IV- PEDRO DE SOUSA MONIZ (filho de Antônio Vaz de Gusmão, do § 1º nº III). Nasceu cerca de 1579, consoante seu depoimento no processo *de genere* do Padre João Leite da Silva, em 19 de março de 1657.<sup>25</sup> Nele foi qualificado como morador na vila de São Vicente e da sua governança, de 78 anos de idade, pouco mais ou menos. Foi juiz ordinário em 1643 de São Vicente.<sup>26</sup> Ali se casou com CATARINA VIEIRA, natural da mesma vila, onde jaz sepultada, irmã inteira<sup>27</sup> de Maria Vieira, nascida por volta de 1590 na vila de São Vicente, a qual era mulher do português Capitão Pedro Gonçalves Meira<sup>28</sup>. As irmãs eram filhas de Pedro Vieira, natural da Ilha da Madeira, homem da governança da vila de São Vicente e de sua mulher Joana Vieira, esta natural da vila de São Vicente.

Filhos do casal Pedro de Sousa Moniz- Catarina Vieira, que se descobriu através de documentos:

- 1 (V)- CAPITÃO ANTÔNIO MONIZ DE GUSMÃO, que segue.
- 2 (V)- ISABEL DE SOUSA MONIZ, que segue no § 3º.
- 3 (V)- JOANA DE SOUSA MONIZ, natural da vila de São Vicente. Foi casada com ANTÔNIO VIEIRA GUIMARÃES, com geração. Joana de Sousa fez testamento<sup>29</sup> em 13 de abril de 1682 na vila de São Vicente. Rogou ao filho Sebastião Vieira fosse seu testamenteiro.

<sup>25</sup> Processo nº 1-1-4, ano de 1657, de João Leite da Silva, no ACMSP.

<sup>26</sup> SL, IX, p. 23.

<sup>27</sup> Essa fraternidade consta do processo de banhos (ACMSP, processo nº 4-12-79, ano de 1740) entre Manuel Moniz de Gusmão (filho de Jacinto Vaz de Gusmão, adiante no § 1º nº VI) e Isabel do Prado da Fonseca.

<sup>28</sup> Nasceu cerca de 1571 na freguesia de Vila Franca de Viana, concelho de Viana do Castelo, distrito de Viana do Castelo, na região do Minho, Portugal. Veio para o Brasil, estabelecendo-se na vila de São Vicente, tendo servido os honrosos cargos da república, como o de vereador, capitão da ordenança da vila de São Vicente e o de ouvidor da capitania de São Vicente. Consta dos livros da Câmara de São Paulo, ao se trasladar papéis de São Vicente, então capital, ter sido vereador nos anos de 1622, 1624, 1636. Assinou uma escritura, em 14 de maio de 1653, na vila de São Vicente, de uma composição e restituição aos padres da Companhia de Jesus, na qualidade de *capitão*.

<sup>29</sup> Prestação de contas ao testamento, ano de 1701, vila de São Vicente, da série de Inventários não publicados. Nº de ordem 500, na DAESP.

Pedia para ser sepultada na igreja matriz da mesma vila, onde estava sua mãe. Seu testamento recebeu o “cumpra-se” no dia seguinte.

- 4 (V)- CATARINA MONIZ, natural da vila de São Vicente, primeira mulher de FRANCISCO BARBOSA RABELO, natural da vila de Viana, filho de Tomé Rabelo Carneiro e de Catarina Barbosa, ambos naturais da mesma vila. Francisco Barbosa casou-se segunda vez com Francisca da Silva, filha de Gonçalo Lopes e de Catarina da Silva.<sup>30</sup> Por falecimento de Francisco, ocorrido em 31 de julho de 1685 na vila de São Paulo, abriu-se auto de inventário em 22 de outubro do mesmo ano, em casas de Gonçalo Lopes, seu sogro.<sup>31</sup> Foram pais de MARIA BARBOSA, segunda mulher de GASPARD DE GODOY MOREIRA, o moço, filho de outro Gaspar de Godoy Moreira e de sua primeira mulher Ana de Alvarenga.<sup>32</sup> Gaspar, o moço, faleceu em 13 de outubro de 1693 em Santana de Parnaíba, com testamento.

- V- CAPITÃO ANTÔNIO MONIZ DE GUSMÃO, autor do pedido do traslado do brasão de armas. Casou-se com MARIA DAS NEVES, filha de André Mendes e de Catarina Gonçalves, naturais da vila de Itanhaém. Foram pais de:

- 1 (VI)- MANUEL MONIZ DAS NEVES (ou MANUEL MONIZ DE GUSMÃO), que se casou com MARIA DE SIQUEIRA, falecida em 1736 em Santo Amaro, cidade de São Paulo, no estado de viúva. Ela, que segue adiante, no § 8º nº III, era filha de Manuel Lopes de Siqueira e de Esperança Gomes da Costa. De Manuel Moniz das Neves nasceu, entre outros, o CÔNEGO ANTÔNIO MONIZ MARIANO<sup>33</sup>. Do casal foram netos o PADRE FRANCISCO XAVIER DA LUZ<sup>34</sup>, natural da cidade de São Paulo, ANTÔNIO CORRÊA DA SILVA<sup>35</sup>, e CIPRIANO FERNANDES DA SILVA<sup>36</sup>, natural da cidade

<sup>30</sup> BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Árvore de Costados do Presidente Nereu Ramos*. In *Revista da ASBRAP* nº 2, p. 220.

<sup>31</sup> Inventário de Francisco Barbosa Rabelo, ano de 1685, da série de inventários do 1º Ofício. Nº de ordem 495, na DAESP.

<sup>32</sup> NPHG, III, p. 154; SL, VI, p. 103.

<sup>33</sup> Processo de *genere et moribus* nº 1-6-98, ano de 1717, no ACMSP. Também chamado de Antônio Moniz das Neves.

<sup>34</sup> Processo de *genere et moribus* nº 1-23-213, ano de 1750, de Francisco Xavier da Luz, no ACMSP.

<sup>35</sup> Habilitado de *genere et moribus* em 1748, processo nº 1-19-192, no ACMSP.

- de São Paulo. Do mesmo casal foram bisnetos os irmãos INÁCIO FERNANDES CRUZ, habilitado<sup>37</sup> em 1771, e MANUEL FERNANDES CRUZ, habilitado<sup>38</sup> em 1777.
- 2 (VI)- JOSÉ BERNARDES MONIZ, casado em São Vicente com MARIA JORGE VERDELHO, com geração. São ascendentes do afamado pintor paulista BENEDITO CALIXTO DE JESUS.
- 3 (VI)- ANTÔNIO DAS NEVES MONIZ, natural de São Vicente, falecido em 1682 em São Vicente com testamento. Foi o 1º marido de ISABEL RIBEIRO SOARES<sup>39</sup>, filha de Gaspar Luís Soares e de Maria Missel, com geração.
- 4 (VI)- CAPITÃO JACINTO VAZ DE GUSMÃO, que se casou em 29 de julho de 1691 em São Vicente com MÔNICA PEDROSO, filha de Manuel Álvares Pedroso e de Maria Soares, todos moradores na dita vila de São Vicente. Com geração. Foram avós paternos de JOSÉ CORRÊA DE OLIVEIRA, natural de Itanhaém, onde foi batizado em 23 de fevereiro de 1739, habilitado de *genere et moribus* em 1756.<sup>40</sup>
- 5 (VI)- MARIA MONIZ, que segue.
- 6 (VI)- PADRE PEDRO DE SOUSA MONIZ, natural da vila de São Vicente, onde foi batizado em 23 de setembro de 1648 na sua igreja matriz. Habilitado de *genere et moribus* em 1678.<sup>41</sup> Era coadjutor em São Vicente em 1692.
- VI- MARIA MONIZ, que se casou com JOSÉ GARCIA VILELA. Foram pais de, entre outros:
- VII- MARIA GARCIA VILELA casou-se em 1713 em São Vicente com JOSÉ TAVARES FRANCO. Foram pais, entre outros, de:

---

<sup>36</sup> Processo de *genere et moribus* nº 1-42-356, ano de 1761, de Cipriano Fernandes da Silva, no ACMSP.

<sup>37</sup> Processo de *genere et moribus* nº 1-5-416 ano de 1771, de Inácio Fernandes Cruz, no ACMSP.

<sup>38</sup> Processo de *genere et moribus* nº 1-54-429, ano de 1777, de Manuel Fernandes Cruz, no ACMSP.

<sup>39</sup> SL, V, p. 377.

<sup>40</sup> Processo de *genere et moribus* nº 1-34-297, ano de 1756, de José Corrêa de Oliveira, no ACMSP.

<sup>41</sup> Processo nº 1-1-22, de *genere et moribus*, em 1678, no ACMSP.

- VIII- BRÍGIDA MONIZ foi batizada em 8 de maio de 1718 na vila de São Vicente, onde se casou<sup>42</sup> em 2 de setembro de 1738 na matriz de São Vicente com JOSÉ DE MEIRA (irmão do Padre Francisco de Meira Calaça, que faleceu na vila de Paranaguá), igualmente nascido na vila de São Vicente, onde foi batizado em 17 de abril de 1707, filho de José de Meira Santa Maria<sup>43</sup> e de Margarida Coelho da Fonseca, todos naturais da vila de São Vicente. Pais de, que se conseguiu descobrir:
- 1 (IX)- JOÃO JOSÉ DE MEIRA, que segue.
  - 2 (IX)- MARIA FIRMIANA DO ROSÁRIO, nascida e batizada na vila de São Vicente, batizada em 5 de outubro de 1743 na vila de São Vicente, onde se casou com PEDRO FRANCISCO DA COSTA (irmão do Padre Filipe Neri da Costa), nascido e batizado em Santos, carpinteiro, filho de Miguel da Costa, nascido e batizado na freguesia de Santa Marinha de Gundifelos, arcebispado de Braga, carpinteiro, e de Ana de Sá, nascida e batizada em Santos. Foram pais de MANUEL DE ASCENSÃO COSTA, batizado em 5 de junho de 1781 em Santos, habilitado<sup>44</sup> *de genere*.
- IX- JOÃO JOSÉ DE MEIRA, natural da vila de São Vicente. Casou-se com D. CATARINA MARIA DE JESUS<sup>45</sup>, natural da vila de Santos, filha de João Corrêa de Andrade e de Maria Moreira<sup>46</sup>. Pais de, que se conseguiu descobrir:
- X- D. MARIA ROSA DA PAIXÃO, natural da vila de Santos, onde foi batizada em 14 de abril de 1765 na matriz, pelo vigário Domingos Moreira e Silva. Casou-se em 15 de janeiro de 1782 na Sé de São Paulo com o CAPITÃO FRANCISCO JORGE DE PAULA RIBEIRO, natural da cidade de São Paulo,

---

<sup>42</sup> Pesquisa do amigo e genealogista Rodnei Brunete da Cruz, no Arquivo da Cúria Diocesana de Santos. Igualmente a ele devo as datas dos batizados dos cônjuges, obtido do processo nº 1-86-688, *de genere et moribus*, de Manuel de Ascensão Costa, em 1800.

<sup>43</sup> SL, II, p. 304.

<sup>44</sup> Processo nº 1-86-688, ano de 1800, no ACMSP.

<sup>45</sup> No assento de casamento de sua filha D. Maria Rosa da Paixão, não foram declarados os nomes dos pais de D. Catarina Maria de Jesus.

<sup>46</sup> De acordo com pesquisas de Rodnei Brunete da Cruz, consoante o processo *de genere* do Padre Manuel José de Andrade (nº 1-80-636, no ACMSP), João Corrêa de Andrade foi batizado em 16 de abril de 1679 em Santos, filho de João Dantas e de Maria Gomes; Maria Moreira, batizada em 14 de outubro de 1705, filha de Francisco de Sousa e de Maria Ramires. João Corrêa de Andrade e Maria Moreira casaram-se em 1º de julho de 1727 em Santos.

onde foi batizado<sup>47</sup> em 12 de março de 1763, filho de Bento Jorge da Silva, natural da cidade de São Paulo e de sua mulher<sup>48</sup> D. Isabel da Visitação, batizado<sup>49</sup> em 8 de julho de 1733; neto paterno do português Manuel Jorge da Silva, natural da freguesia de São Mamede, bispado do Porto e de Maria Ribeiro, natural da vila de Santana de Parnaíba; neto materno de Filipe Mendes Santiago, natural da cidade do Rio de Janeiro e de Gertrudes de Moraes, natural da cidade de São Paulo. Por sua vez, Manuel Jorge da Silva era filho de Manuel Jorge da Silva e de Maria Ribeiro Dias; neto paterno de Manuel Jorge e de Isabel Domingues, ambos do Porto; neto materno do português Manuel Ribeiro Dias, natural de Braga e de Helena Machado de Sousa, natural da cidade de São Paulo. Filipe Mendes Santiago foi batizado<sup>50</sup> em 10 de maio de 1697 no Rio de Janeiro, filho do português Manuel Mendes dos Santos<sup>51</sup>, natural de São Cosme, bispado do Porto e de (casados<sup>52</sup> em 3 de julho de 1694, na Igreja de São José) Antônia da Conceição. De D. Maria Rosa da Paixão e de Francisco Jorge de Paula Ribeiro nasceu, que se conseguiu descobrir:

- XI- JOSÉ DOMICIANO DE MEIRA, natural da cidade de São Paulo, onde foi batizado em 19 de março de 1793, na Sé. Habilitado<sup>53</sup> em 1813.

§ 3º

- V- ISABEL DE SOUSA MONIZ (filha de Pedro de Sousa Moniz, do § 2º nº IV), que faleceu em 1709, com testamento, em Santos, no estado de viúva de JOÃO DE CARVALHO, e tiveram, entre outros, o seguinte filho:
- VI- CATARINA CARVALHO, mulher do CAPITÃO PEDRO DA SILVA CORRÊA, de quem nasceu o filho:
- VII- LICENCIADO PEDRO DA SILVA CORRÊA, que requereu e obteve o brasão de armas dos Monizes no ano de 1669 na vila de São Vicente. Silva Leme ti-

<sup>47</sup> Lº respectivo, fls. 108-v., do ACMSP.

<sup>48</sup> Casados em 17 de agosto de 1756 na Sé de São Paulo, na capela da Luz, fls. 140, no ACMSP.

<sup>49</sup> Lº respectivo, fls. 66-v., do ACMRJ.

<sup>50</sup> Sé, Lº 5º, fls. 110-v., do ACMRJ.

<sup>51</sup> PFRJ, II, p. 594.

<sup>52</sup> Lº nº 3 de casamentos da Sé do Rio de Janeiro, fls. 19, do ACMRJ..

<sup>53</sup> Processo de *genere et moribus* nº 2-37-1017, ano de 1813, no ACMSP.

nha em seu poder o citado brasão passado em 1589. Dele constou que era descendente de Garcia de Gusmão Moniz.

§ 4º

II- HENRIQUE MONIZ (filho de João Moniz de Sousa, do § 1º nº 1). Casou-se com a filha de João Coelho. Foram pais de:

III- GUIOMAR COELHO, mulher de BARNABÉ FERNANDES (o segundo), filho legítimo de outro Barnabé Fernandes, o qual faleceu depois de 1541. Neste ano o Rei D. João III lhe deu de aforamento um chão e olival em Almeirim no campo além do rio para construir casas onde viver, uma vez que o terreno para tal ainda não lhe tinha sido dado, embora ficasse exarado na respectiva petição. Em 23 de outubro de 1546, a viúva e herdeiros pediram confirmação<sup>54</sup>. O chão e o olival referidos ficavam na testada das vinhas de Barnabé Fernandes, fora do rocio, em terrenos sempre alagados e que só serviam de monturo<sup>55</sup>.

Barnabé Fernandes recebeu<sup>56</sup> de dote de seu sogro Henrique Moniz a concessão da capitania de um navio da carreira da Mina, em virtude de seus serviços e de seu pai João Moniz, cavaleiro, morador que foi na vila de Arzila. Em 7 de julho de 1573, de Angra dos Reis<sup>57</sup>, Henrique Moniz renunciou, na forma de dote, ao genro Barnabé Fernandes, da citada doação que ele, Henrique Moniz, havia recebido, em 6 de julho de 1540. Naquele ano de 1573, Barnabé Fernandes foi qualificado como criado de Diogo de Saldanha. Logo depois, o mesmo Barnabé foi nomeado, em 3 de janeiro de 1578, por carta de El-Rei D. Sebastião, tabelião público e do judicial e escrivão da câmara e da almotaçaria da vila de Almeirim.

Barnabé Fernandes (o segundo) fez testamento<sup>58</sup> em 1º de junho de 1604 em Goa. Declarou ser natural da vila de Almeirim, em Portugal, filho legítimo de Barnabé Fernandes e de Isabel Fernandes, sua única mulher, ambos, pai e mãe, naturais da mesma vila, já mortos. Declarou ser cavaleiro-fidalgo da Casa de Sua Magestade, que residia em Goa, na Índia, que fora casado com Guiomar Coelho, e seus filhos já eram mortos, e o mesmo era ela por virtude de uma sentença que contra ela houvera dos corregedores da Corte, em que a condenaram à morte.

<sup>54</sup> Chancelaria de D. João III, Livro 33, fls. 184, no IAN/TT, apud *Boletim*.

<sup>55</sup> Local em que é depositada grande porção de lixo e/ou imundícies.

<sup>56</sup> Chancelaria de D. Filipe I, Livro 3º, fls. 3, no IAN/TT, apud *Boletim*.

<sup>57</sup> Desconheço esse lugar.

<sup>58</sup> Arquivo da Misericórdia de Santarém, Livro nº 755, fls. 87. Apud *Boletim*.

## § 5º

**Outro ou Desentroncado**

- I- AGOSTINHO DE GUSMÃO, nasceu por volta de 1585 na vila de São Vicente. Já era defunto em 1643, por ocasião do casamento de seu filho. Casou-se com SUSANA PERES, natural da vila de Santos. Sem mais notícias de ambos. Foram pais de, que se descobriu através de documentos:
- 1 (II)- LUÍS DE GUSMÃO, que segue.
  - 2 (II)- INÁCIO DE GUSMÃO, natural da vila de Santos. Casou-se com VIOLANTE CARDOSO<sup>59</sup>, prima e homônima de sua cunhada, filha de Antônio Pedroso de Freitas e de Clara Parente. Com geração. Inácio de Gusmão fez testamento<sup>60</sup> em 26 de setembro de 1700 na vila de Itu, onde faleceu em 28 de dezembro do mesmo ano, tendo sido sepultado na sua igreja matriz. Foram seus testamenteiros: seu genro Fernão Bicudo Tavares e seu sobrinho Jordão Homem Albernaz.
  - 3 (II)- DOMINGAS DE GUSMÃO (na dúvida). Do processo<sup>61</sup> matrimonial, promovido em 1702 na vila de Taubaté, para obtenção da dispensa por parentesco de 3º grau, entre Martinho de Lima e Catarina de Gusmão, constou que Domingas de Gusmão era irmã de Luís de Gusmão, e de Domingas de Gusmão nasceu JOÃO LEDO e deste MARTINHO DE LIMA, orador. De Luís de Gusmão nasceu MARIA DE GUSMÃO, e desta nasceu CATARINA DE GUSMÃO, oradora. O orador era de 20 anos de idade, e natural da Ilha de São Sebastião. A oradora era de 16 anos, natural da vila de Taubaté. Foram dispensados em 27 de novembro de 1702 por Jorge da Silveira Souto Maior.

É possível que pertencesse ao grupo familiar de Domingas de Gusmão o Padre Domingos da Costa Ribeiro<sup>62</sup>, natural da Ilha de São Sebastião, onde foi batizado em 23 de abril de 1696. Ele

---

<sup>59</sup> SL, VII, p. 222.

<sup>60</sup> Inventários do 1º Ofício. Nº de ordem 790, na DAESP.

<sup>61</sup> Processo nº 4-1-3, ano de 1702, fls. 69 a 76, no ACMSP. Testemunhas ouvidas em setembro de 1702 na vila de Taubaté: 1º- Pedro Fragoso, natural de São Paulo e morador na vila de Taubaté, de 67 anos de idade; era parente da oradora em 3º grau; 2º- Manuel de Barros Freire, natural de São Paulo e morador em Taubaté, de 62 anos; era parente dos oradores em 3º grau por afinidade; 3º- Manuel de Barros da Silva, natural da Ilha de São Sebastião e morador na vila de Taubaté, de 40 anos. Era parente do orador em 3º grau e da oradora em 2º grau.

<sup>62</sup> Habilitado em 1717. Processo *de genere* nº 1-6-100, no ACMSP.

era filho de Domingos da Costa Ribeiro, natural da vila de Santos e de Francisca de Caraça, natural da Ilha de São Sebastião; neto materno de José Dias Caraça, natural de São Paulo e de Susana Ledo, natural da Ilha de São Sebastião, a qual era filha de Domingos de Gusmão.

- II- LUÍS DE GUSMÃO, natural da Ilha de São Sebastião. Casou-se<sup>63</sup> em 30 de julho de 1643 na Sé da vila de São Paulo com VIOLANTE CARDOSO<sup>64</sup>, filha do português Baltazar Lopes Fragoso, natural de Lisboa, falecido<sup>65</sup> em 1635 em São Paulo, e de sua mulher (de quem foi primeiro marido) Mariana Cardoso. Foram pais de:
- 1(III)- AGOSTINHO, batizado em 3 de setembro de 1645 na Sé de São Paulo (fls. 30).
  - 2 (III)- MARIA DE GUSMÃO. Casou-se por volta de 1665 com DOMINGOS VAZ DE SIQUEIRA<sup>66</sup>, filho de Gaspar Vaz da Cunha e de Vitória de Siqueira. Com geração.
  - 3 (III)- DOMINGAS CARDOSO DE GUSMÃO<sup>67</sup>. Casou-se, cerca de 1678, com o CAPITÃO GASPAR VAZ DA CUNHA, com geração. Ele era natural de Taubaté e filho de outro Capitão Gaspar Vaz da Cunha e de Vitória de Siqueira. Com geração.

#### § 6º

#### Outro ou Desentroncado

- I- MARIA MONIZ DA COSTA casou-se cerca de 1632 com MANUEL GARCIA VELHO, filho de Garcia Rodrigues Velho e de sua mulher Catarina Dias, moradores na vila de São Paulo.<sup>68</sup> Manuel Garcia fez testamento em 30 de março de 1659 em São Paulo, o qual recebeu o “cumpra-se” em 6 de abril do mesmo ano. Por sua morte se fez auto de inventário em 12 de agosto do mesmo ano.<sup>69</sup> Maria Moniz da Costa ainda era viva em 1681, consoante o

<sup>63</sup> Livro nº 1 de casamentos da Sé de São Paulo, fls. 36-v, no ACMSP.

<sup>64</sup> SL, VIII, p. 4.

<sup>65</sup> *Inventários e Testamentos*, volume IX, p. 407-425.

<sup>66</sup> SL, V, p. 137.

<sup>67</sup> BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *O Casal Gaspar Vaz da Cunha- Felicitana Bicudo Garcia*. In Revista da ASBRAP nº 1, p. 154.

<sup>68</sup> SL, VII, p. 458.

<sup>69</sup> *Inventários e Testamentos*, publicação oficial da Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo. Volume XXVII, pp. 41-68.

inventário de Antônia Ribeiro naquele ano, corrido na vila de São Paulo. Com geração.<sup>70</sup>

§ 7º

**Outro**

- I- FRANCISCO RODRIGUES RAPOSO (o II) nasceu por volta de 1592, ignora-se onde.<sup>71</sup> Era filho de Duarte Rodrigues Ulhoa, para o qual, em 18 de setembro de 1621, na cidade de Salvador, foi autuada uma sentença a seu favor. Duarte queria provar ser morador na vila de Faro, filho legítimo do Licenciado Francisco Rodrigues Raposo (o I), cristão-velho, natural da vila de Mira e morador na de Ourique, onde ocupou os cargos da república, inclusive o de juiz ordinário. Francisco Rodrigues (o II) passou cerca de 1617 para a vila de São Vicente, onde se casou com FILIPA DA MOTA, filha de Atanásio da Mota e de Luzia Machado; neta paterna de Vasco Pires da Mota e de Filipa de Sá, cidadãos de Coimbra; neta materna de Simão Machado, proprietário do ofício de escrivão da Provedoria da vila de São Vicente, e de sua mulher (casados por volta de 1555) Maria da Costa, esta filha de Estêvão da Costa, que veio para o Brasil cerca de 1535, e de sua mulher Isabel Lopes de Sousa, que foi mencionada como filha de Martim Afonso de Sousa, donatário da Capitania de São Vicente (filiação que não acompanho).

Francisco Rodrigues Raposo (o II) foi escrivão da ouvidoria da Capitania de São Vicente. Em 13 de junho de 1620 recebeu provisão<sup>72</sup> de escrivão da Ouvidoria e correição de toda a Capitania de São Vicente, do Conde de Monsanto, capitão mor e governador da Capitania de São Vicente.

Foram pais de (que se conseguiu descobrir pelos processos de *gene-re et moribus* de seus descendentes):

- 1 (II)- PADRE ANTÔNIO RAPOSO. Nasceu cerca de 1629 na vila de Santos<sup>73</sup>. De acordo com relatos de seus inimigos, pela fama de sua

<sup>70</sup> *Inventários e Testamentos*, op. citado. Volume XX, pp. 390-391.

<sup>71</sup> Possivelmente parente (poderia ser irmão ou filho) de Duarte Rodrigues Ulhoa, senhor de um engenho junto a Maré, na cidade do Salvador, homem judaizante, pai de Teresa, que morreu queimada pela Inquisição, de Manuel Vaz de Gusmão e de Lopo Rodrigues de Ulhoa, todos cristãos-novos. Apud NOVINSKY, Anita. *Cristãos-novos na Bahia*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992. pp. 86, 87, 132 e 137.

<sup>72</sup> *Registro Geral da Cidade de São Paulo*. Volume I, p. 441.

<sup>73</sup> Consoante seu depoimento no processo *de genere* de Francisco de Mendonça Freire (nº 1-1-17).

família ser cristã-nova, habilitou-se<sup>74</sup> de *genere* no Estado do Maranhão. Foi vigário da vila de São Vicente, de onde foi expulso por motim do povo. Passou para Portugal, tendo professado na Ordem de São Francisco, e depois foi Comendador da Ordem de Santiago.

2 (II)- LUZIA DE GUSMÃO, que segue.

3 (II)- ESPERANÇA GOMES DA COSTA (ou ESPERANÇA DA MOTA), que segue no § 8º.

II- LUZIA DE GUSMÃO, mulher do português SIMÃO RIBEIRO CASTANHO, natural da vila de Abrantes, distrito de Lisboa, com geração. Foram moradores na vila de Santos. Foram pais de, que se conseguiu descobrir:

1 (III)- JORGE LOPES RIBEIRO, que segue.

2 (III)- LOPO RODRIGUES, faleceu sem geração.

III- JORGE LOPES RIBEIRO, natural da vila de Santos, onde nasceu cerca de 1649. Passou de morada para a vila de São Paulo, onde foi escrivão dos órfãos de sua vila, conforme provisão<sup>75</sup> passada em 10 de abril de 1678 pelo capitão mor da vila de São Vicente, Tomás Fernandes de Oliveira. De acordo com pesquisas de Rodnei Brunete da Cruz (a ele agradeço ainda os batizados de seus filhos), seu descendente, Jorge Ribeiro casou-se três vezes. A primeira, sem descendência, com ANA BARRETO<sup>76</sup>, viúva de Gonçalo de Almeida (falecido<sup>77</sup> em 16 de outubro de 1673). Ana Barreto nasceu por volta de 1645 na vila de São Paulo, filha de Francisco Barreto e de Maria Borges; fez testamento em 8 de julho de 1684 em São Paulo, pedindo para serem seus testamenteiros: o marido e o cunhado Lopo Rodrigues. Por sua morte, ocorrida em 12 de julho, fez-se auto de inventário<sup>78</sup> em 4 de agosto do mesmo ano. Jorge Lopes casou-se segunda vez, cerca de 1685, com ISABEL COLAÇO<sup>79</sup>, falecida em 1688, filha do Alferes Francisco da Silva Colaço, natural de Portugal e de Ana Ribeiro de Alvarenga. Casou-se terceira vez, cerca de 1688, provavelmente na vila de São Paulo, com JO-

<sup>74</sup> Seu processo não foi localizado nos arquivos eclesiásticos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Não o procurei no Bispado de São Luís do Maranhão.

<sup>75</sup> *Registro Geral da Cidade de São Paulo*, volume III, p. 177.

<sup>76</sup> SL, III, p. 553.

<sup>77</sup> Inventário de Gonçalo de Almeida, na DAESP. Nº de ordem: 490. Processo volumoso, o que indica que sua família possuía muitas posses.

<sup>78</sup> Seu inventário encontra-se acostado ao de seu marido Gonçalo de Almeida.

<sup>79</sup> SL, V, p. 374.

ANA LUÍS<sup>80</sup>, natural da vila de São Paulo, filha do português Francisco Luís, natural da vila de Aljubarrota, bispado de Leiria e de Isabel da Costa, natural da vila de São Paulo; neta paterna de Tomé João e de Maria Luís, moradores que foram da vila de Aljubarrota, onde ele serviu a Irmandade da Misericórdia; neta materna de Domingos Gonçalves (da Cruz), natural da freguesia de Angeja, concelho de Albergaria, a velha, distrito de Aveiro, e de Isabel da Costa, natural da vila de São Paulo. Jorge Lopes já era falecido em 1732, por ocasião do recibo de uma doação que Paula da Costa fez para sua sobrinha Joana Luís, em seu testamento<sup>81</sup>.

Filhos do segundo casamento:

- 1 (IV)- SIMÃO RIBEIRO CASTANHO. Batizado em 29 de março de 1687 na Sé de São Paulo. Casou-se com CATARINA GUEDES DE CAMARGO<sup>82</sup>, filha do Capitão Francisco Pinto Guedes Alcoforado e de Mariana de Camargo, com geração.
- 2 (IV)- ISABEL COLAÇO. Batizada em 13 de março de 1688 na Sé de São Paulo. Casou-se com LUÍS TEIXEIRA DE AZEVEDO, natural da freguesia de São Nicolau, da cidade do Porto, e ajudante das Ordenanças de São Paulo, sob as ordens do Capitão General e Governador Rodrigo César de Menezes. Luís Teixeira passou para a vila de Santana de Parnaíba, onde ele e sua mulher faleceram, ela no ano de 1751. Com geração.

Filhos do terceiro casamento:

- 3 (IV)- LUIZA, batizada em 20 de abril de 1690 na Sé de São Paulo.
- 4 (IV)- MARIA, batizada em 16 de outubro de 1691 na Sé de São Paulo.
- 5 (IV)- PADRE LOPO RODRIGUES DE ULHOA<sup>83</sup>, natural da vila de São Paulo, onde foi batizado em 13 de junho de 1693 na Sé. Morador em São Paulo.
- 6 (IV)- PADRE FRANCISCO LOPES RIBEIRO<sup>84</sup>, natural da vila de São Paulo, onde foi batizado em 8 de agosto de 1695.
- 7 (IV)- MANUEL DE GUSMÃO, natural da vila de São Paulo, tendo sido batizado em 12 de março de 1700 na Sé. Casou-se com MARIA PEDROSO, também natural de São Paulo, que seria filha natural de Manuel Cardoso, natural de São Paulo e morador no bairro de

<sup>80</sup> Irmã inteira de D. Rosa Maria de Siqueira, mulher do Desembargador Antônio da Cunha Souto Maior. Com geração.

<sup>81</sup> Inventário de Paula da Costa, na DAESP. N° de ordem: 512.

<sup>82</sup> SL, VII, p. 81.

<sup>83</sup> Processo n° 1-4-74 de habilitação *de genere et moribus* de Lopo Rodrigues Ulhoa, no ACMSP, ano de 1713.

<sup>84</sup> Processo *de genere et moribus* n° 3-9-1724, no ACMSP.

Santo Amaro, e de Maria Rodrigues, esta filha de Francisco Rodrigues Machado e de Maria Fernandes Cavalheiros. Foram pais, entre outros, do PADRE FRANCISCO XAVIER DE GUSMÃO<sup>85</sup>.

- 8 (IV)- DIOGO, batizado em 29 de setembro de 1702 na Sé de São Paulo.
- 9 (IV)- JORGE, falecido em São Paulo em 15 de março de 1748.
- 10 (IV)- DUARTE DE GUSMÃO. Casou-se em 1728 em Santana de Parnaíba com MARIA DA SILVA<sup>86</sup>, filha de Bartolomeu da Silva Chaves e de Gabriela Ortiz Cabral.
- 11 (IV)- JOÃO RODRIGUES ULHOA. Casou-se com ANA PEDROSO<sup>87</sup>, filha de Fernando Bicudo de Brito e de Luzia Machado de Barros, com geração.
- 12 (IV)- JOSÉ ANTÔNIO DE GUSMÃO. Casou-se em 1755 em São Paulo com TERESA<sup>88</sup>, filha de Domingos de Cubas e de Maria de Quebedo, falecida em 1761.

Filho natural de Jorge Lopes Ribeiro:

- 7 (IV)- TIMÓTEO RIBEIRO, nascido cerca de 1685. De acordo com um auto cível<sup>89</sup> promovido entre ele e o Sargento Mor Bento do Amaral da Silva, constou que era filho do Capitão Jorge Lopes Ribeiro, sendo viúvo de sua segunda mulher, havido em Catarina, mulata, já defunta em 1716. Foi madrinha de batismo de Timóteo a sogra de seu pai, Ana Ribeiro de Alvarenga.

#### § 8º

- II- ESPERANÇA GOMES DA COSTA (ou ESPERANÇA DA MOTA), filha de Francisco Rodrigues Raposo, do § 7º nº I. Faleceu<sup>90</sup> em 1683. Casou-se na vila de Santos com MANUEL LOPES DE SIQUEIRA. De acordo com uma testemunha, ouvida no processo<sup>91</sup> do Padre Ângelo de Siqueira, em 30 de novembro de 1726 na vila de São Vicente, Pascoal Rodrigues Laurora, Manuel Lopes de Siqueira era filho de Lopo Ribeiro Castanho, natural da vila de Viana, de onde passou para o Brasil com o avô dele testemunha. Foram pais de, que se conseguiu descobrir:

<sup>85</sup> Processo *de genere et moribus* nº 1-25-232 de Francisco Xavier de Gusmão, ano de 1751, no ACMSP. Constou, do referido processo, que a família era cristã-nova.

<sup>86</sup> SL, I, p. 381.

<sup>87</sup> SL, VI, p. 446.

<sup>88</sup> SL, II, p. 446.

<sup>89</sup> Processo nº 85, nº de ordem 3.438, da DAESP. Gentileza de Rodnei Brunete da Cruz.

<sup>90</sup> SL, VII, p. 298.

<sup>91</sup> Processo nº 1-8-120, *de genere et moribus*, no ACMSP.

- 1 (III)- LICENCIADO MANUEL LOPES DE SIQUEIRA, que segue.
  - 2 (III)- CAPITÃO FRANCISCO LOPES DE SIQUEIRA, que segue no § 9º.
  - 3 (III)- MARIA DE SIQUEIRA, casou-se com MANUEL MONIZ DAS NEVES, acima, no § 2º nº VI.
- III- LICENCIADO MANUEL LOPES DE SIQUEIRA, natural da vila de São Paulo, onde foi batizado<sup>92</sup> em 23 de abril de 1661 na Sé de São Paulo. Mestre de capela por provisão passada em 1680. Ali se casou, primeira vez, com JOANA DE CASTILHO<sup>93</sup>, filha de Paulo Marques Rodrigues e de Catarina Rodrigues de Oliveira. Por morte de Joana de Castilho se fez auto de inventário<sup>94</sup> em 20 de abril de 1714 na cidade de São Paulo. Seu marido, inventariante, declarou que ela faleceu em 5 de maio de 1707, sem testamento. Entre outros bens, possuíam 3 escravos e uma morada de casas de dois lanços de taipa de pilão, na rua de Manuel de Sá. Manuel Lopes casou-se segunda vez, sem deixar geração, no ano de 1708 na freguesia de Santo Amaro, vila de São Paulo, com MARIA BARBOSA DE LIMA<sup>95</sup>, filha do Sargento Mor Francisco Barbosa de Lima, português, e de Isabel Gonçalves Moreira. Por morte de Manuel Lopes de Siqueira, fez-se auto de inventário em 12 de novembro de 1718 na cidade de São Paulo. Foi inventariante a viúva Maria Barbosa de Lima, que declarou que ele havia falecido em 5 de setembro do mesmo ano, e que fizera testamento. Não deixavam bens de raiz, uma vez que a sua morada, onde residia, havia sido doada para o patrimônio do filho Manuel Lopes de Siqueira. O licenciado Manuel fez testamento em 5 de setembro de 1718 na cidade de São Paulo. Declarou naturalidade e filiação. Pediu para serem seus testamenteiros: ao filho, Padre Manuel Lopes de Siqueira, ao Reverendo Padre Antônio Moniz das Neves e a Pedro de Lima Pereira. Do casamento de Manuel Lopes de Siqueira com Joana de Castilho nasceram:
- 1 (IV)- PADRE MANUEL LOPES DE SIQUEIRA. Nasceu cerca de 1692 na vila de São Paulo. Já era sacerdote em 1718.
  - 2 (IV)- ÂNGELA DE SIQUEIRA, nascida cerca de 1696 na vila de São Paulo, onde se casou<sup>96</sup> em 16 de novembro de 1721 com FRANCISCO RODRIGUES DOS SANTOS, filho de Manuel Fernandes e de Teresa de Jesus. Com geração.

---

<sup>92</sup> Informação de Rodnei Brunete da Cruz.

<sup>93</sup> SL, VII, p. 450.

<sup>94</sup> Inventário do casal Joana de Castilho- Manuel Lopes de Siqueira, na série de inventários do 1º ofício. Nº de ordem: 699, na DAESP.

<sup>95</sup> SL, VII, p. 428.

<sup>96</sup> Casamentos da Sé de São Paulo, fls. 96-v, no ACMSP.

- 3 (IV)- JOSÉ RIBEIRO DE SIQUEIRA, nascido cerca de 1701 em São Paulo. Passou a residir na vila de Santana de Parnaíba, onde se casou em 1722 com JOANA DO PRADO<sup>97</sup>, natural da vila de Jundiá, filha do Capitão Antônio de Oliveira Cordeiro, natural de Jundiá e de Maria de Abreu. Com geração.
- 4 (IV)- PADRE ÂNGELO DE SIQUEIRA<sup>98</sup>. Nasceu na cidade de São Paulo, onde foi batizado em 12 de maio de 1707, na igreja da Sé. Missionário do Bispado de São Paulo e autor de “Botica Preciosa e thesouro precioso da Lapa”, com ensinamentos para a doutrina cristã, impressa em Lisboa em 1754. Fora também mestre de capela, ensinando solfa, a tanger harpa, órgão e compondo solfas para assistir com músicas as festividades.

## § 9º

- III- CAPITÃO FRANCISCO LOPES DE SIQUEIRA (filho de Esperança Gomes da Costa, do § 8º nº II). Foi o primeiro marido de MARIA LEME DA SILVA<sup>99</sup>, filha de Gaspar da Cunha de Abreu e de Maria Cardoso. Maria Leme, que depois foi mulher de Antônio Pereira de Faro (sem deixar filhos), fez testamento<sup>100</sup> em 31 de março de 1754, em local não declarado, que foi aprovado em 1º de abril do mesmo ano no sítio chamado Ponte Grande do caminho da freguesia da Conceição, da cidade de São Paulo. O “cumpra-se” ao testamento se deu no dia seguinte. Pais de (único):
- 1 (IV)- ÂNGELO RAPOSO, que faleceu solteiro, antes do testamento de sua mãe. Na confissão do judaizante D. Miguel de Mendonça Valladolid, consoante seu processo<sup>101</sup>, este declarou que, cerca de 1723, na porta da igreja da Sé, se avistou com Ângelo Raposo, de quem lhe diziam era cristão-novo por parte do pai, sem ofício, solteiro, natural e morador em São Paulo, filho de Antônio Lo-

---

<sup>97</sup> SL, VII, p. 298.

<sup>98</sup> Processo nº 1-8-120 de habilitação *de genere et moribus* de Ângelo de Siqueira, no ACMSP, ano de 1726.

<sup>99</sup> SL, VI, p. 249.

<sup>100</sup> Prestação de contas ao testamento. Nº de ordem 532, da série de inventários não publicados, na DAESP.

<sup>101</sup> Processo nº 9.973 da Inquisição de Lisboa. IAN/TT. *Apud* RODRIGUES, Claudeteane Braga. *Fonte para o Estudo da História Colonial: Leitura Paleográfica de um Processo da Inquisição Portuguesa referente ao Brasil: Miguel de Mendonça Valladolid*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 1999.

pes<sup>102</sup> e de Maria Leme. Não sabia que Ângelo Raposo tivesse sido denunciado ou preso pelo Santo Ofício. Com ele se achou e estando ambos sós, lhe disse o Raposo que Nossa Senhora não podia ser virgem antes, nem durante nem depois do parto e que ele se encontrava em seu perfeito juízo e era costumado a proferir essas blasfêmias, tanto na cidade de São Paulo, como na ermida de Nossa Senhora da Penha e na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos.

§ 10º

**Outro**

- I- PEDRO VAZ MONIZ era natural do lugar do Lavradio, filho de Francisco Vaz Moniz e de Leonor Pereira. Vindo para o Brasil, casou-se, cerca de 1660, provavelmente na vila de São Paulo, com JOANA SIMOA RODRIGUES<sup>103</sup>, viúva de João Rodrigues Fernandes. Joana Simoa era natural da vila de São Paulo, onde faleceu em 1706, tendo deixado geração dos dois maridos. Ela era filha do português Simão Lopes e de Joana Fernandes.

Pedro Vaz Moniz fez testamento em 1º de maio de 1669 na vila de São Paulo, na aldeia de Nossa Senhora da Conceição, escrito pelo Padre Gaspar Borges. Declarou naturalidade, filiação e casamento. Entre outras disposições, pediu para seu corpo ser sepultado na igreja matriz de São Paulo. Declarou que seu pai tivera na Alfândega de Lisboa o ofício de tesoureiro, o qual lhe ficou por morte dele, e que não procurou o tal ofício por estar falto de saúde. Deixava o dito ofício ao seu filho mais velho, Francisco. Por morte de Pedro Vaz Moniz se fez auto de inventário<sup>104</sup> em 3 de dezembro de 1670 em São Paulo, na paragem chamada “Caucaia”. Foi inventariante a viúva, Joana Simoa.

**Nota:**

**Outros Gusmões, do Rio de Janeiro**

- I- D. JOANA DE GUSMÃO casou-se cerca de 1628, possivelmente em Lisboa, com MANUEL VELOSO DA COSTA. Passaram para a cidade do Rio de Ja-

<sup>102</sup> Era Francisco Lopes de Siqueira (e não Antônio Lopes), filho de Manuel Lopes de Siqueira e de Esperança Gomes. Ver SL, VI, p. 249.

<sup>103</sup> SL, VIII, p. 332.

<sup>104</sup> Inventário de Pedro Vaz Moniz, ano de 1670. Nº de ordem 488, na DAESP.

neiro, com seus filhos. Manuel foi nomeado<sup>105</sup>, em 28 de junho de 1643, para servir o ofício de meirinho geral do Eclesiástico da Administração do Rio de Janeiro, durante o impedimento de Estêvão Soares, seu proprietário. Em 19 de fevereiro de 1678 Joana de Gusmão fez doação do patrimônio para a habilitação<sup>106</sup> *de genere et moribus* de seu neto ao sacerdócio, Padre Francisco Ribeiro de Gusmão. Do casal nasceram<sup>107</sup>, ao menos:

- 1 (II)- D. URBANA DE GUSMÃO SANTIAGO, natural da freguesia de São Julião, da cidade de Lisboa. Casou-se com GONÇALO RIBEIRO BARBOSA, natural de Viana, professo da Ordem de Cristo, proprietário do ofício de escrivão da Ouvidoria e Correição do Rio de Janeiro e São Paulo, filho de Gonçalo Ribeiro de Bastos e de Violante Barbosa. Foram pais, pelo menos, do PADRE FRANCISCO RIBEIRO DE GUSMÃO, batizado em 3 de junho de 1650 na cidade do Rio de Janeiro, do PADRE ALEXANDRE DE GUSMÃO (o moço), S.J., reitor do colégio dos Jesuítas da vila de Santos, e que jaz sepultado no de São Paulo, de D. VIOLANTE BARBOSA DE GUSMÃO, mulher do GUARDA MOR BALTAZAR DE GODOY<sup>108</sup>, batizado em 11 de abril de 1648 na Sé de São Paulo, filho de João de Godoy Moreira e de sua mulher Eufêmia da Costa Mota, com geração.
- 2 (II)- PADRE ALEXANDRE DE GUSMÃO, S.J. Pedro Taques o chama de venerando padre e escreveu que ele foi fundador do seminário de Belém, na Bahia, em cujo colégio faleceu com grande opinião de santidade em 14 de março de 1724, com a idade de 95 anos, e 78 de companhia. De acordo com Serafim Leite<sup>109</sup>, o Padre Alexandre nasceu em 14 de agosto de 1629 em Lisboa, tendo passado para o Brasil em 1644, estudado no Colégio do Rio de Janeiro e ingressado na Companhia, na mesma cidade, em 27 de outubro de 1646. Em sua homenagem adotaram o apelido *Gusmão* os ir-

<sup>105</sup> Registro Geral de Mercês, Ordens, Lº 1, fls. 289, no IAN/TT.

<sup>106</sup> Processo de *genere et moribus* de Francisco Ribeiro de Gusmão, ano de 1678, no Rio de Janeiro. Caixa nº 383 do ACMRJ.

<sup>107</sup> Foram vistas fichas da família Veloso da Costa no arquivo do Colégio Brasileiro de Genealogia do Rio de Janeiro. Agradeço ao amigo Carlos Eduardo de Almeida Barata a informação de que D. Paula de Gusmão era filha do casal.

<sup>108</sup> NPHG, III, p. 163; SL, VI, p. 144.

<sup>109</sup> LEITE, Serafim, S.J. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 volumes. Rio de Janeiro: Liv. Civilização Brasileira, 1938 a 1950. Vol. VII, pp. 66-71.

mãos Gusmões de Santos<sup>110</sup>, entre os quais o diplomata **Alexandre de Gusmão**, um dos postuladores do Tratado de Madri<sup>111</sup> e secretário do Rei D. João V de Portugal, e o **Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão**, o “padre voador”, inventor do aeróstato.

3 (II)- MANUEL VELOSO DE GUSMÃO, que segue.

4 (II)- D. PAULA DE GUSMÃO. Nasceu cerca de 1637 na cidade de Lisboa. Faleceu<sup>112</sup> em 1º de setembro de 1700 no Rio de Janeiro, onde se casou<sup>113</sup> em 24 de outubro de 1667, com o CAPITÃO LUÍS MACHADO HOMEM<sup>114</sup>, de quem foi segunda mulher, batizado<sup>115</sup> em setembro de 1622 no Rio de Janeiro, filho de Jordão Machado e de sua mulher Leonor Varela. Com geração.

II- MANUEL VELOSO DE GUSMÃO, natural de Lisboa, faleceu<sup>116</sup> na cidade do Rio de Janeiro em 25 de novembro de 1672. Casou-se com ANA DE PROENÇA, a qual foi tutora<sup>117</sup> de seus filhos. Foram pais de:

1 (III)- ALEXANDRE VELOSO DE GUSMÃO, que segue.

2 (III)- FILIPE DE PROENÇA, natural do Rio de Janeiro, onde se casou<sup>118</sup> em 2 de janeiro de 1681 com PÁSCOA CORRÊA DO LAGO, batiza-

<sup>110</sup> Os irmãos Gusmões de Santos eram filhos do português Francisco Lourenço Rodrigues, natural de São Pedro de Queimadela, termo da vila de Guimarães e de Maria Álvares, esta natural de Santos, filha do português Antônio Álvares, natural da cidade do Porto e de Maria Gomes, também natural de Santos, a qual era filha de João Gomes Vilas Boas e de Maria Jácome, moradores da vila de Santos. Segundo Pedro Taques, Maria Jácome seria filha ou neta de Gonçalo Pires Pancas, juiz ordinário da vila de Santos em 1630. Não está excluída a possibilidade de os citados irmãos terem sangue Gusmão, mas o fato é que não há prova documental.

<sup>111</sup> Tratado de Madri, de 1750 (revogado em 1761), foi uma tentativa entre Portugal e Espanha de delimitarem seus respectivos domínios na América do Sul. Alexandre de Gusmão aplicou, com êxito, os princípios do *uti possidetis*, segundo o qual cada soberania tem direito às terras que efetivamente ocupa, e dos limites naturais, que decorrem de acidentes geográficos notáveis, como rios e serras.

<sup>112</sup> Livro de óbitos da Sé do Rio de Janeiro nº 6, fls. 177, no ACMRJ.

<sup>113</sup> Livro de casamentos da Sé do Rio de Janeiro nº 2, fls. 21-v, no ACMRJ.

<sup>114</sup> PFRJ, II, p. 479.

<sup>115</sup> Livro de batizados da Sé do Rio de Janeiro nº 1º, fls. 57-v, no ACMRJ.

<sup>116</sup> PFRJ, III, p. 73.

<sup>117</sup> Códice 42-3-57, de Procurações e Escrituras, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Fls. 87-v do original.

<sup>118</sup> Livro de casamentos da Candelária nº 1, fls. 12, no ACMRJ.

da<sup>119</sup> em março de 1655 no Rio de Janeiro, filha do Capitão João Lopes do Lago e de Maria do Lago. Com geração.

- III- ALEXANDRE VELOSO DE GUSMÃO, natural da cidade do Rio de Janeiro, onde foi batizado<sup>120</sup> em 28 de novembro de 1660. Casou-se<sup>121</sup>, no Rio de Janeiro, em 4 de março de 1681, com MARIA DO LAGO, sua conchhada, batizada<sup>122</sup> em 5 de fevereiro de 1663 no Rio de Janeiro, filha do Capitão João Lopes do Lago e de Maria do Lago. Foram pais de, segundo as fichas do Colégio Brasileiro de Genealogia, no Rio de Janeiro:
- 1 (IV)- ANTÔNIA, batizada<sup>123</sup> em 4 de dezembro de 1689 no Rio de Janeiro.
  - 2 (IV)- D. ANA MARIA DE GUSMÃO, natural de Inhomirim. Casou-se<sup>124</sup> em 3 de fevereiro de 1717 no Rio de Janeiro com ANTÔNIO PINTO DE MIRANDA.
  - 3 (IV)- JOSÉ (ou JOÃO) LOPES DE PROENÇA. Casou-se<sup>125</sup> no Rio de Janeiro em 11 de fevereiro de 1703 com TERESA DA SILVA, natural de São João do Meriti, filha de Clemente Nogueira da Silva e de Agostinho da Fonseca. Com geração.
  - 4 (IV)- SEBASTIÃO LOPES DO LAGO, natural de Pilar (Iguaçu). Casou-se no Rio em 17 de outubro de 1725 com MARIA DO AMARAL.<sup>126</sup>

### Considerações finais:

Este trabalho já se encontrava pronto, da maneira acima, quando deparei com o artigo do Dr. Luiz Porto Moretzsohn de Castro (1861-1941), *Origem da família Moniz de S. Paulo: ascendência paterna de Benedicto Calixto de Jesus*, na Revista do Instituto de Estudos Genealógicos, ano III, nº 5, 1º semestre de 1939, pp. 3-27. A estrutura do trabalho de Moretzsohn é a mesma que eu empreguei neste artigo. Suas fontes, embora diversas das minhas, encaminham para as

<sup>119</sup> Livro de batizados da Candelária nº 2, fls. 17-v, no ACMRJ.

<sup>120</sup> Livro de batizados da Candelária nº 1, fls. 156-v, no ACMRJ.

<sup>121</sup> Livro de casamentos da Candelária nº 1, fls. 13, no ACMRJ.

<sup>122</sup> Livro de batizados da Candelária nº 2, fls. 4, no ACMRJ.

<sup>123</sup> Livro de batizados da Sé nº 5, fls. 69, no ACMRJ.

<sup>124</sup> Livro de casamentos da Candelária nº 2, fls. 82, no ACMRJ.

<sup>125</sup> Livro de casamentos da Sé nº 3, fls. 71, no ACMRJ.

<sup>126</sup> Livro de casamentos da Sé nº 5, fls. 114-v, no ACMRJ.

mesmas conclusões. Neste artigo outras fontes foram utilizadas, bem como o espectro foi ampliado.

#### **Fontes e abreviaturas utilizadas:**

**ACMRJ**- Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

**ACMSP**- Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

**DAESP**- Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo.

**IAN/TT**- Instituto dos Arquivos Nacionais- Torre do Tombo.

**Boletim**- COSTA, Maria Clara Pereira da. *Os da carreira da Índia e Mina ou de torna-viagem com bens patrimoniais, no Oriente, nos Açores e no Norte de África*. In Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, volume XLI (1983), pp. 206-278.

**PFRJ**- RHEINGANTZ, Carlos G. (1915-1988). *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro* (Séculos XVI e XVII), Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1967-1995, 3 volumes.

**SL**- LEME, Luiz Gonzaga da Silva (1852-1919). *Genealogia Paulistana*, São Paulo: Duprat & Cia., 1903 a 1905, 9 volumes.